

O ÍNDICE DE DEMONSTRAÇÃO DO *HABITUS* DE LAMPIÃO COMO ESTADO DE INCORPORAÇÃO A PARTIR DE BOURDIEU

THE DEMONSTRATION INDEX OF THE HABITUS OF LAMPIÃO AS STATE OF INCORPORATION FROM BOURDIEU

Caio César Costa Santos (UFS)¹

Resumo: O *habitus*, enquanto fenômeno sociocultural, proporciona a mediação entre indícios da historicidade e da subjetividade. Embora seja visto como sistema simbólico concebido pela instância passado em propulsão à instância presente, ainda é um princípio em constante estado de incorporação. Neste artigo, pontos de cristalização serão revelados a partir da descrição do *habitus* sobre a emergência da imagem do cangaceiro Lampião nos corpos sertanejos. A questão norteadora é a de que o referente demonstrativo *in absentia* na percepção está *in praesentia* na paixão. Por este prisma, afirmaremos que o elemento de demonstração (este, esse, aquele), através do fenômeno do *habitus*, incorporação de cenários, reflete também a afetividade com o grupo social do cangaço.

Palavras-chave: Demonstração. *Habitus*. Lampião. Bourdieu.

Abstract: *The habitus, as a sociocultural phenomenon, mediates between evidence of historicity and subjectivity. Although it is seen as a symbolic system conceived by the past instance in propulsion to the present instance, it is still a principle in constant state of incorporation. In this article, points of crystallization will be revealed from the description of the habitus on the emergence of the image of the cangaceiro Lampião in the sertanejos bodies. The guiding question is that the demonstrative referent in absentia in perception is in praesentia in passion. From this perspective, we will affirm that the element of demonstration (this, this, that), through the habitus phenomenon, incorporation of scenarios, also reflects the affectivity with the social group of the cangaço.*

Keywords: *Demonstration. Habitus. Lampião. Bourdieu.*

Introdução

Com o fenômeno do cangaço, muitos sertanejos passaram a crescer no seio da cultura do homem cangaceiro, aventureiro, cabra da peste. Esse *habitus* de homem culturalmente nordestino enquadrado as experiências referentes ao ciclo mítico do cangaço no Brasil. As posições sociais de almocreve de Virgulino Ferreira da Silva, introduzidas pelos estados de incorporação no homem nordestino, permitiram compor traços referenciais híbridos sobre a imagem do Rei dos Sertões: Lampião. O imaginário desse herói e bandido é aqui confundido em traços de afetividade com a categoria dos demonstrativos. Esse fato é

¹ Mestre em Letras, área de concentração Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).
E-mail: caio-costa@live.com

SANTOS, Caio César Costa. **O índice de demonstração do habitus de Lampião como estado de incorporação a partir de Bourdieu.**

possível porque a memória episódica constrói a memória social através de expressões referenciais enquanto pontos de cristalização.

Se não fossem os indícios de alteridade sobre esse mito não haveria porque existir a vivacidade da memória da cultura do cangaço. Os efeitos passionais desse objeto-referente se concentram nas relações de identidades antagônicas. No interior desse fluxo de alteridade, a força das paixões socializadas descrevem *campos* cada vez mais amplos sobre a saga lampiônica. Por esse prisma, afirmamos que o elemento de demonstração (*esse-aquele*), através do fenômeno do *habitus* (incorporação de cenários), reflete também a afetividade com o grupo social dos cangaceiros. O princípio desse campo incorporado permite-nos realçar as posições e disposições antagônicas introduzidas nos corpos apaixonados por Lampião. A própria foricidade dos demonstrativos então poderá revelar categorias como identidade, alteridade e afetividade sobre a imagem do referente Lampião no fluxo de orientação e incorporação dêitica. O ponto focal está na familiaridade da experiência corporal com esse referente.

Os traços de diretividade revelam os traços de identidade enquanto pulsações antagônicas: *aquele sanguinário* ou *aquele justiceiro*. Através desse processo de demonstração, somos forçados a olhar para além do campo imediato de presença porque a própria motricidade dos corpos nos revelam indícios de poder, ascensão ou ódio. Porém, entre os estudos seminais mais relevantes sobre o campo dêitico, o Zeigfeld proposto por Bühler (1967), por exemplo, não dá conta dessas operações dêiticas perceptíveis aos olhos do espírito (*demonstratio am phantasma*) porque equivalem apenas às coordenadas fisicamente situacionais. Nesses limites, as relações demonstrativas e fóricas são pouco salientes. Então, cenários e campos deverão ser redefinidos para se projetarem em novas incorporações porque nem todos os objetos-referentes estão fisicamente co-presentes.

SANTOS, Caio César Costa. **O índice de demonstração do habitus de Lampião como estado de incorporação a partir de Bourdieu.**

As coordenadas demonstrativas como estados de incorporação

O corpo dêitico é também a manifestação de um *habitus*. Há no corpo demonstrativo um horizonte de disposições como tomadas de consciência que se referem a objetos da memória ausentes no *Zeigfeld*. A partir dessa afirmação, podemos nos questionar como as posições e disposições dos elementos demonstrativos constituintes do campo dêitico são configuradas conforme o *habitus* e que tipo de relações referenciais e perceptuais mantêm-se com a língua ao nível contextual? Esse problema surge pelo fato de os objetos cujos demonstrativos referem no plano da memória têm propriedades semióticas para o enquadre contextual do fenômeno da percepção, mas também da paixão na língua. A força de projeção dos demonstrativos está contida na tensão e distensão do campo dêitico que regula as emoções incorporadas pelo *habitus* implícito do sujeito apaixonado por Lampião. Se um referente *in praesentia* pode ser denominado como eixo de coordenadas dêiticas para a realização da referência a um referente *in absentia*; o *habitus* poderá descrever os tipos de relações copresentes entre a emergência e a incorporação das categorias demonstrativas no mesmo plano de coordenadas perceptivas. É provável então que a incorporação do *habitus* seja a própria forma de atributo *sui generis* das memórias demonstrativas.

Nessa perspectiva, a emergência do *campo de coordenadas* circunscreve à percepção, como também à paixão porque as formas de demonstração na língua apontam também para o campo imaginário. Esse princípio de recurso à demonstração dos objetos assume na língua mudanças de foco configuradas por condutas corporais conduzidas pelas emoções. Essas condutas são expressas como impressões porque são formas de indiciar afetos e paixões. Nesse limiar, o campo de referência demonstrativa é o *discurso* que engloba formações de crenças, cultura e afetividade. Esses três fatores implicam na descrição do pano de fundo (*background*) o qual emerge do *Zeigfeld*. Podemos dizer que a referenciação pela demonstração circunscreve também em um horizonte tensivo de paixões. A partir dessa ótica, é a tensividade exofórica que poderá descrever a saliência com o objeto ausente no corpo da

SANTOS, Caio César Costa. **O índice de demonstração do habitus de Lampião como estado de incorporação a partir de Bourdieu.**

língua, mas presente na memória do interlocutor. A presença da expressividade do espírito é que demonstra a familiaridade com o referente *in absentia*, ou seja, são as coordenadas sensoriais que delimitam a orientação do sujeito apaixonado com o referente Lampião. Afirma-se que serão as incursões graduais das emoções que condicionarão as âncoras exofóricas do corpo próprio.

Não há um único espaço para a formação de um horizonte de tensões demonstrativas porque não há apenas um campo de monitoramento dêitico na memória. As representações mentais com demonstrativos ocorrem no interior de uma dinâmica híbrida. Se, nessas condições, as porções contextuais são dissociadas e incorporadas, a *orientação* define-se como processo de tensões que anima a foria. Se a descrição de um *aquele* como categoria linguística repleta de tensividade e historicidade não foi vista ou esboçada mais detidamente nos estudos seminais sobre o campo dêitico, este artigo reflete este propósito. Um dos objetivos será o de delimitar os estados de incorporação das expressões demonstrativas entre os índices fóricos (movimentos referenciais) e os índices tensivos (movimentos perceptuais). Esse fato redimensiona modos de presença demonstrativa no interior de um sistema de valores vistos (plano da linguagem) e apreendidos (plano do pensamento). Os jogos das paixões demonstrativas, então, oscilam entre extensão e intensidade do campo e do corpo dêitico.

O referente *sacrifício* não é como a imagem-referente *daquele sacrifício*. As expressões linguísticas dêiticas quando estocadas na memória evocam *a posteriori* outra forma intermediária de referenciação. Desse modo, as relações dêiticas não se tratam apenas das relações de percepção física do corpo e do campo, mas da condução à experiência sensível de copresença entre a língua e a memória. Se, no campo dêitico, há uma desfocalização de determinado objeto-referente, há a formação de outro campo de coordenadas coocorrente: aquele da alteridade entre os corpos. Nesta ótica, há muito mais tensões do que percepções entre as expressões demonstrativas *este cangaceiro* e *aquele*

SANTOS, Caio César Costa. **O índice de demonstração do habitus de Lampião como estado de incorporação a partir de Bourdieu.**

cangaceiro. Pode-se, portanto, orientar-se numa memória corporificada por meio de relações espaço-temporais que incitem a afetividade e o imaginário.

O sujeito apaixonado, por exemplo, se orienta com *aquela* e não *este* para designar condutas e cenários incorporados de medo, inveja, amor ou injustiça em relação ao grupo dos cangaceiros. Essa visão sugere que as emoções desconstroem o curso linear e imediato das relações espaço-temporais entre os corpos. Por esse ponto, será possível compreender os índices de demonstração da língua como estados de incorporação porque cada tomada de consciência organiza-se em torno de uma memória social. É possível então que cada tomada de consciência corresponda a um campo posicional específico na língua e que a condensação desses campos seja incorporada a outros campos mais amplos do discurso.

Afirmamos que não é o princípio da motricidade da categoria dos demonstrativos que determina a posição incorporada do objeto-referente, mas a condição de tensividade que essas expressões linguísticas indiciam. A extensão e a tensão são processos pelos quais *aproximam* o fluxo de diretividade dos corpos na língua e na memória. Esses próprios fluxos poderão ser manifestados por graus de distância e proximidade perceptuais e afetivas em relação a Lampião e o bando dos cangaceiros. A referência à memória demonstrativa pode ter a forma de uma copresença porque se refere a uma posição estendida do campo dêitico com horizontes tensivos incorporados ao espaço e ao tempo do pensamento. Na intersecção das duas dimensões do campo (*emergência* e *incorporação*), as relações macrossemióticas (*interoceptividade* e *exteroceptividade*) poderão descrever as condutas e os estados emocionais dos sertanejos por meio da atividade referencial de recategorização do corpo social Lampião.

As coordenadas perceptuais de distância e proximidade poderão ser focalizadas através da categoria linguística dos pronomes demonstrativos não apenas como pontos de vista, mas também como tomadas de consciência. No interior de macrocontextos, essas tomadas de consciência irão pressupor globalmente as paixões a fim de explicar o complexo

SANTOS, Caio César Costa. **O índice de demonstração do habitus de Lampião como estado de incorporação a partir de Bourdieu.**

híbrido de movimentos exofóricos (externo ao *Zeigfeld*/ campo dêitico). O fenômeno da percepção descreve somente as relações motoras entre os corpos (referentes imediatos). Já os fenômenos da paixão e a emoção implicam redimensionar os estados de alma ora distantes do campo social cangaço, ora próximos desse campo (referentes memoriais). Nossa hipótese, então, é a de que além de valor sensório-motor, as coordenadas de distância e proximidade dos demonstrativos podem ser descritas como estados de incorporação de estruturas sociais, passionais e afetivas.

A experiência corporal do *habitus* em Bourdieu

As relações demonstrativas no *Zeigfeld* que expandem as coordenadas espaço-temporais desse campo dêitico atingem o plano da memória. Esse fato deve ser levado em consideração já que muitos parâmetros de análise ainda não foram sugeridos sobre essa afirmação. A proposta de redefinição da noção de *campo dêitico* por Hanks (2008) é constituída por meio das noções de *emergência (habitus)* e *incorporação* em Bourdieu (2002). O *campo* é definido como enquadre de posições e disposições no qual os interactantes se orientam com múltiplas formas de valor e de capital simbólico. Essa perspectiva concerne à expansão das forças diretivas do fenômeno dêitico, fato que permite abranger as relações espaço-temporais dos pensamentos demonstrativos. Não há um único modelo de contexto empiricamente determinado em todas as manifestações da língua. Há tipos de relações e processos originados e organizados em diferentes unidades e níveis contextuais. Os corpos amoldam às experiências do campo.

A partir de Merleau-Ponty, Bourdieu (2001) converte a noção aristotélica de *hexis* em *habitus* no intuito de descrever o corpo enquanto incorporação de estruturas sociais inscrita tanto na genealogia da filosofia do corpo, quanto na fenomenologia da percepção. O estatuto fenomenológico do *habitus* se apresenta como necessariamente motor e perceptivo. A experiência corporal constitui-se, pois, a partir de indícios simbólicos e culturais dissociados

SANTOS, Caio César Costa. **O índice de demonstração do habitus de Lampião como estado de incorporação a partir de Bourdieu.**

em meio social e cristalizados em corpos sensíveis. As posições e disposições desse corpo significante-condicionante são afetadas pelas relações sociais no interior das quais a proximidade física se confunde com a proximidade afetiva. Devido à autonomia do campo, os signos demonstrativos estão presentes em todos os campos da atividade simbólica humana. Cada um desses campos possui forças de dispersão e coerção instituídas pelas tomadas de consciência implícitas ao *habitus*:

O deslocamento decisivo aqui é o de noção de disposição para a noção de corporificação (*embodiment*). O esquema corporal de Merleau-Ponty não é nem uma representação do corpo, nem uma mera avaliação de sua dimensão física. Ao contrário, é uma tomada de consciência (*prise of conscience*), o entendimento momentâneo que o sujeito tem de ser um corpo. Isso inclui, entendidas em conjunto, tanto a real disposição da postura do corpo, quanto o horizonte de possibilidades para outras disposições possíveis da postura corporal, mas não realizadas. Neste ponto, Bourdieu, a exemplo dos fenomenologistas, está interessado na familiaridade e na imediatez da experiência corporal, sendo ambas herdadas pelo *habitus* (HANKS, 2008, p. 37).

Nessa perspectiva, o *habitus* é o conhecimento do corpo imaginário pelo próprio campo dêitico. O *habitus* como sistema de disposições encontra-se inscrito e implicado no campo social. Os fenômenos de percepção e paixão, neste campo, convergem múltiplas formas de monitoramento dêitico atreladas à coexistência de posições sociais. As disposições são posições pelo campo dêitico que as integra. Assim, como Hanks (2008) defende uma *analysis situs* pela expansão desse campo, a tensividade fórica dos elementos demonstrativos circunscreve nessa condição de ampliação das coordenadas no interior de relações sociais, mas também passionais e afetivas. O corpo está sujeito em cada campo ao processo de cristalização cujo produto é o ponto de vista motor e perceptivo. Se o princípio do *habitus* suscita o fenômeno de incorporação é porque há a defesa de um dualismo entre matéria e espírito no próprio eixo de coordenadas do campo. A linguagem do corpo é, então, extensão e tensão.

Aprendemos pelo corpo. A ordem social se inscreve nos corpos por meio dessa confrontação permanente, mais ou menos dramática, mas que sempre confere um lugar importante à afetividade e, mais ainda, às transações afetivas com o ambiente social. [...] como nos ritos de instituição, essa ação psicossomática se exerce muitas vezes por meio da emoção e do sofrimento inscrita na própria superfície dos corpos (BOURDIEU, 2001, p. 172).

SANTOS, Caio César Costa. **O índice de demonstração do habitus de Lampião como estado de incorporação a partir de Bourdieu.**

Não há construtos sociais sem paixão, sem o confronto do *pathos* com as forças tensivas do campo. A *hexis* prepara o corpo para a interiorização de representações sociais cristalizadas na memória através de pontos de cristalização sensíveis aos campos. Em **O camponês e seu corpo**, Bourdieu (2006) observou que a civilização urbana rompe o cotidiano camponês a partir de regras de conduta do campo da cultura camponesa. Inscrito também às metrópoles, o camponês necessita aderir novas disposições corporais para incorporar as mudanças de natureza do *habitus* pelo campo. Esse camponês passa a perceber seu corpo como matéria implicada por impressões sociais, logo esse camponês tende, a assinalar em seu corpo, a imagem-referente que os moradores da cidade fazem dele – são formas de se portar e de se comportar. A história, a cultura e a afetividade inscritas nestes corpos moldam a condução de tais ajustamentos. A *experiência* se revela como a força motriz dessas projeções corporais. A própria natureza dessas *hexis* corporais suscita o estado de incorporação da afetividade com o campo que orienta nossas sensações, desejos e comportamentos. A significância das relações demonstrativas é desdobramento passional porque até as posições sociais assumidas pelo campo são associadas a canais sensoriais. Nesse limiar, as relações entre emergência e incorporação sobre o contexto são muito tênues.

Há, por um lado, um alinhamento inicial da emergência com a esfera altamente local da produção do enunciado e a incorporação ao contexto em larga escala, por outro lado. Este é o modo como as duas noções são discutidas usualmente na literatura sobre a linguagem. A emergência está associada ao chamado tempo real da produção do enunciado e da interação e a incorporação descreve a situação dos enunciados em algum contexto mais amplo (HANKS, 2008, p. 175).

A emergência (*emergence*) implica as relações espaço-temporais em curso referente à atividade verbal mediada ao presente imediato ou ao contexto restrito – é a postura natural *actancial* no eu-aqui-agora da enunciação – *simetria axial* por Benveniste (1989). O fenômeno da emergência do campo está também relacionado propriamente à estrutura tensiva das emoções, fato que implica considerar a esfera contextual como sistema de valores em processo de significância. Já a incorporação (*embedding*) caracteriza os níveis contextuais determinados pelo enquadramento (*framing*) e seu assentamento (*groundedness*) no discurso

SANTOS, Caio César Costa. **O índice de demonstração do habitus de Lampião como estado de incorporação a partir de Bourdieu.**

em cenários ou campos cada vez mais amplos (BENTES, 2008; MORATO, 2008). Esses campos expressam potencialidades acarretadas pela propensão dos corpos sob a forma de disposições para pensar, sentir e agir. A incorporação do *habitus* integra esses atos e experiências cristalizados como matriz de percepções, emoções e ações – a história torna-se natureza. O campo incorporado adere relativa autonomia no tocante às incursões externas do presente imediato. Esta autonomia é a do passado significante e atuante. Por essa ótica, se o campo dêitico integra o enquadramento da componente contextual na língua, a expressão da indicialidade redimensiona estados de incorporação. Se uma formação contextual X é incorporada em Y, as seguintes proposições são evidentes:

- a) Y acarreta X, mas X não acarreta Y; b) Y herda certas propriedades de X, mas apresenta outras propriedades; c) Y transforma X, alterando propriedades herdadas e apresentando novos princípios de organização (via rearranjo, reavaliação etc.); d) Se alguma parte de X se torna um foco temático, ou para os sujeitos ou para os analistas, então Y é o horizonte relevante; (HANKS, 2008, p. 184).

O campo incorporado herda propriedades contextuais da estrutura da língua. O corpo próprio tem a autonomia de pertencer simultaneamente às macrossemióticas (interoceptividade e exteroceptividade) a fim de enquadrar além das tomadas de posição, as tomadas de consciência. Essa descrição carrega em si a semiótica do corpo em seu *modus operandi*. O plano da expressão Y enquadra-se a partir do plano do conteúdo X. Nesses limites, o corpo rearranja-se como forma de abarcar as propensões do mundo das representações. Esse enquadramento revela as coordenadas entre o corpo próprio e o corpo imaginário. De fato, as paixões e as emoções também condicionam o fluxo de diretividade das coordenadas demonstrativas porque o horizonte relevante e tensivo dessas coordenadas está enraizado, por algum ponto focal, na língua. Então, o contraste entre as forças diretivas de distância e proximidade são condicionadas por traços de afetividade ou de identidade. O elemento demonstrativo é significativo dual porque, quando a relação contextual do corpo com o campo se desestabiliza, o corpo próprio reenquadra-se em outro plano de percepção e orientação, o da *memória demonstrativa* (RECANATI, 2013). O próprio processo de

SANTOS, Caio César Costa. **O índice de demonstração do habitus de Lampião como estado de incorporação a partir de Bourdieu.**

demonstração proporciona esse estado de distensão da categoria linguística singular: a dos demonstrativos. Então, o horizonte relevante Y herda além de propriedades estruturais, propriedades sociais, passionais e afetivas do corpo imediato X, que é o estado de emergência. Nesses termos, podemos dizer que qualquer campo demonstrativo é incorporado a um ou mais campos sociais, assim como afetivos.

Porém, ainda segundo Hanks (2008, p. 219, grifo nosso), o cenário e os objetos-referentes “estão *fisicamente* copresentes e perceptíveis”. Essa afirmação requer que os interactantes partilhem o mesmo campo de relações espaço-temporais, numa continuidade referencial linear do plano sensório-motor. Mas, concernente às formações contextuais do campo incorporado, esse argumento não se sucede devido ao acesso do *habitus* na superfície da língua. Se os objetos-referentes são considerados como copresentes, o acesso através das *sensações* é projetado indiretamente, ou melhor, de modo intermediário. A própria foricidade do elemento demonstrativo condiciona essa dispersão. Não há *situação X* que não esteja enquadrada nas disposições do *cenário Y*. Nem há *situação X* que seja estanque à situação animadamente contextual do cenário Y. É evidente que no *Zeigfeld* não há especulações acerca das tomadas de consciência porque o acesso aos objetos *in absentia* é limitado à dimensão física. A deiticidade é então motora e emergente.

Em contrapartida, o *habitus* enquanto fenômeno sociocultural proporciona a mediação entre indícios da historicidade e da subjetividade. Embora seja visto como sistema simbólico concebido pela instância *passado* em propulsão à instância *presente*, ainda é um princípio em constante estado de incorporação. A percepção é linguagem porque é significativa. As noções de *habitus* e campo permitem distender a representação metafísica da temporalidade na língua. Esse desdobramento é repercutido na emergência do campo. Como afirma Benveniste (1989, p. 70), “aquele que organiza [o campo] está, ele próprio, designado como centro e ponto de referência”. Ou seja, sem *habitus*, o campo dêitico só se orienta a partir de forças proprioceptivas, sem vestígios sobre a extensão desse campo.

SANTOS, Caio César Costa. **O índice de demonstração do habitus de Lampião como estado de incorporação a partir de Bourdieu.**

Os elementos demonstrativos resgatam os horizontes relevantes com domínio ausente no corpo próprio. Essa condição suscita as coordenadas tensivas das paixões que separa o centro dêitico dos horizontes, emergindo as valências de alteridade (distância e proximidade afetivas). As sensações da copresença delibera uma relação complementar, aquela do *habitus*. Assim, o corpo é afetado por determinado referente ao mesmo tempo presente e ausente, “numa relação imediata de envolvimento, de tensão, de paixão, de *amor fati*” (BOURDIEU, 2001, p.178). Se o *habitus* contém também a incorporação das emoções, então a referência à alteridade (distância e proximidade entre corpos) é concebida no equilíbrio entre tensões que animam o campo pela foria.

Tratar o corpo como um sinal intencional e regulado por qualquer coisa de diferente, de que ele é também sintoma. [...] e supõe que nele se enuncia um sentido profundo, uma pulsão expressiva, biológica ou social que a alquimia da forma imposta pela necessidade social do campo tende a tornar irreconhecível, sobretudo obrigando a pulsão a negar-se e a universalizar-se (BOURDIEU, 2002, p. 73).

Esse sintoma inscrito em campos permite captar uma realidade mais híbrida e profunda. As raízes desse paradigma indiciário decifram as relações semióticas integradas ao campo e ao seu processo de incorporação. O corpo imaginário não é inatingível porque o *habitus* é categoria mediadora. Sendo assim, as distâncias e proximidades entre a emergência de forças sociais e o desenvolvimento de efeitos tensivos, através da mediação do campo incorporado, ressaltam o princípio da alteridade entre corpos. Esse impacto na língua e na subjetividade inclui o comportamento sensório-motor e o desdobramento da consciência.

As estruturas do *habitus* de Lampião como índices de demonstração

O *habitus* estruturado pelos índices de demonstração redimensiona identidades múltiplas com dispersões contínuas de hibridismo – “Lampião era *aquele monstro justiceiro, sabe?*” (LIMA, 2008). O corpo próprio é direcionado para o encontro das paixões que revela o antagonismo do homem como graus de distanciamento ou proximidade afetivos. Segundo

SANTOS, Caio César Costa. **O índice de demonstração do habitus de Lampião como estado de incorporação a partir de Bourdieu.**

Aristóteles (2000, p. 38), “a paixão forma um reservatório de ditos espirituosos em que se integram o *habitus* e uma certa forma de universalidade”.

Na enunciação ordinária, por exemplo, as disposições do campo sobre o corpo social Lampião podem está intimamente incorporadas às emoções antagonicamente sensíveis: o amor e o ódio – emoções estas desestabilizadas pelo *habitus* inscrito socialmente (*monstro-justiceiro*). As posições socioculturais sobre o referente Lampião suscitam indícios sobre sua ética e moral cristalizados com o intuito de estabelecê-lo em um campo específico, aquele da *memória coletiva* (HALBWACHS, 1990). O mistério das paixões interseccionam as distâncias e as proximidades com esse fenômeno mítico. Essas estão sempre intercaladas porque é a própria alteridade que impele a identidade. As paixões e os horizontes tensivos cristalizam as relações recíprocas e inserem imagens-referentes da natureza do *habitus* no outro. A gênese da cultura do cangaço determina os índices de aproximação com Lampião a partir de percepções e emoções da experiência passada, uma espécie de representação simbólica como manipulação da atenção (TOMASELLO, 2003). Lampião é apaixonante porque é mito, memória e trajetória. Essa dinâmica passional implica o gesto de afastar-se – o jogo do hibridismo que compreende a temporalidade do corpo sensorial.

É possível que aqueles corpos que têm um *habitus* de injustiça inscrito dentro de si como vítimas de alguma vingança desdobrem uma tensividade fórica de paixões temíveis cujos estados de ânimo não despertam compaixão ou proximidade com o campo social dos cangaceiros, mas podem designar indícios de indignação, cólera ou desprezo como em “A força *daquele sanguinário* era incrível” (LIMA, 2008). A inveja, o temor e o ódio entre os próprios cangaceiros ou entre estes e os coronéis são outros sintomas de discórdia e alteridade. O cenário do agreste no sertão incorpora-se à temperança das volantes na luta por terras e poder. Vestígios de lealdade e confiança ou mesmo sinais de assombro, medo e violência entre os consagrados cangaceiros e as volantes podem ajustar as relações de extensão e intensidade de gestos de ostensão providos nos elementos demonstrativos como

SANTOS, Caio César Costa. **O índice de demonstração do habitus de Lampião como estado de incorporação a partir de Bourdieu.**

em *daquele sanguinário*. O corpo enquadra todas essas emoções modeladas pelo *habitus* social. Esse corpo é, então, circunscrito em função da postura adotada no campo *in situ* no momento em que traça também sua trajetória em relação ao sujeito apaixonante e apaixonado. Cada uma dessas emoções contém na língua arranjos modais cuja atividade semiótica é apreendida em cada relação contextual com outros cenários pelos quais se referem constantemente. Por meio de modelos de contexto mais amplos como as macroestruturas demonstrativamente os corpos se orientam por identidades sociais. À medida que uma dimensão contextual é constantemente alterada, outras macrorrepresentações se atualizam para controlar a *situação global* do discurso (VAN DIJK, 2007, p. 8).

O corpo no campo das paixões é imagem-referente construída pelo discurso. Na estrutura de episódios, por exemplo, a progressão referencial de narrativas de terror ou suspense descreve o campo posicional daquele sujeito que se apaixonou à distância e *in absentia*. Os percursos passionais como a imagem-referente *aquela sombra* estendem-se porque a copresença do sujeito apaixonante Lampião é intensa no *habitus* do sujeito apaixonado. Nesses casos, há uma espécie de *paixão-mito* evidenciada por forças místicas que imortalizam a figura de Lampião. Se uma determinada emoção desperta o apaziguamento da figura do apaixonante, outro campo é incorporado à instância de discurso emergente. Os índices de demonstração despertam esse antagonismo: a relevância de uma identidade em detrimento de outra. Esses estados emocionais aqui descritos configuram o *pivô passionais* através da incorporação do corpo em copresença e não de uma progressão referencial narrativa em simetria. A incorporação do *habitus* como horizonte de tensões é discutida por Greimas e Fontanille (1993) em *Semiótica das Paixões*:

O conceito de *habitus* social, proposto outrora por Bourdieu, parece mais apropriado, pois ele articula formalmente o corpo, as imagens do corpo e as determinações socioculturais. [...] O esquema postural se apresentaria como uma espécie de imagem do corpo próprio modelada pelo *habitus* social. [...] Do ponto de vista epistemológico, se o relativismo cultural da captura patêmica dos significantes do mundo natural pudesse ser explicado pela presença de “esquemas sensíveis” no imaginário humano, é a própria existência semiótica que seria afetada (GREIMAS, FONTANILLE, 1993, p. 144-145).

A presença do *habitus* surge então para o enquadramento contextual ao sujeito apaixonante para revelar seus horizontes tensivos de percepção e emoção conforme o sistema de valores herdado da cultura cangaceira. As distorções entre as paixões socializadas descrevem as figuras de comportamento. Logo, na saga sobre o referente Lampião, por exemplo, o horizonte do *ser* se vislumbra no interior da própria tensividade fórica dos elementos demonstrativos os quais estão em parte culturalmente e até mesmo economicamente determinados. Ou seja, o fluxo de orientação por movimentos exofóricos determina as identidades sociais no campo do imaginário mítico. As variações das tensões e distensões dessas expressões linguísticas regulam também as pulsações do sujeito apaixonado cristalizadas em sua memória através de seu cotidiano familiar à cultura do cangaço. Muitos dos homens que nasceram no seio da cultura do cangaço têm seu *habitus* enraizado a partir da memória social provocada por emoções como inveja e ira por parte dos donos de terra e os cangaceiros. Estes cangaceiros, atores do cenário dos sertões nordestinos, elaboravam seus planos de vingança. Na direção dessas ações, a figura de Lampião é descrita ora para o bem, ora para o mal – santo ou demônio. O *habitus* sobre Lampião é o que conduz a imortalidade de sua história. As emoções como crueldade, astúcia ou mesmo lealdade e honestidade suscitam a ascendência ou decadência da paixão em traços demonstrativos sinuosos (*este bicho/ o Robin Hood do sertão*).

Segundo Lima (2008), tanto o clima dos sertões, como o cenário do cangaço eram hostis. Quando havia seca nesses campos geográficos significava que existiam retirantes desesperados. Embora a polícia, as volantes e os coiteiros temessem a astúcia de Lampião, eles deflagravam o terror nas terras semiáridas do sertão nordestino brasileiro. Apesar do medo dos grupos sociais entre volantes e cangaceiros, boa parte dos sertanejos reverenciava a honestidade e espírito de justiça de Lampião. As armas decidiam as disputas. Esse era o teor de brutalidade manifestado pelo coronelismo e banditismo das forças do Estado e dos comparsas do cangaço. Estes detiam o conhecimento do cenário das caatingas, o ambiente

SANTOS, Caio César Costa. **O índice de demonstração do habitus de Lampião como estado de incorporação a partir de Bourdieu.**

rupestre cheio de esconderijos, já que desde a infância esse *habitus* estava inscrito em seus corpos. A pobreza e a injustiça desencadeavam a emoção da voracidade para enfrentar as desavenças inesperadas. Em Sergipe, Lampião e os cangaceiros encontraram refúgio. Essa façanha era possível porque até alguns chefes de Estado preferiam a pacificidade ao invés da dessemelhança para evitar a morte. O símbolo de Lampião encandecia os estados de alma dos sertanejos. Sua habilidade para o aliciamento abrandava o reinado desse mito. Aos poucos, os manifestos e a cultura do cangaço contaminavam os sertanejos famigerados pelo espírito de justiça.

Considerações finais

Dentre todos os veteranos cangaceiros, o *habitus* de Lampião se sobressaiu e ainda continua a se alastrar vivamente na memória. Uma das emoções mais predominantes da história de Lampião são as vinganças assoladas, sobretudo pelo falecimento de sua mãe e o assassinato de seu pai. Eis aí o clímax de toda guerrilha. Entre heroísmos e tragédias, o lampião ainda está aceso mesmo após a escuridão. Atrás das zonas de combates, existira a figura de um homem honesto, sagaz e justiceiro. A língua pelos demonstrativos resgata toda essa trajetória enigmática. Todos esses horizontes tensivos da paixão por Lampião conduz a expansão do campo dêitico de coordenadas. As distâncias ou proximidades afetivas com esse fenômeno podem então ser descritas na emergência e incorporação dos índices de ostensão ou demonstração. Se o *habitus* realça os modos de disfarce do pensamento na linguagem, a memória sobre Lampião converge às posições e às trajetórias pelas quais tornam o campo dêitico tão híbrido.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Tradução do grego de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SANTOS, Caio César Costa. **O índice de demonstração do habitus de Lampião como estado de incorporação a partir de Bourdieu.**

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II.** Tradução de Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 1989.

BENTES, A. C. Contexto e multimodalidade na elaboração de raps paulistas. **Investigações**, n. 21, p. 199-220, 2008.

BUHLER, K. **Teoria del lenguaje.** Tradução de Julián Marías. Madrid: Revista de Occidente, 1967. Tradução de: Sprachtheorie. Jena. Gustav Fischer, 1934.

BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas.** Tradução de Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 59-73.

_____. O camponês e seu corpo. **Revista de Sociologia e Política.** Curitiba, junho, n.26, p. 83-92, 2006.

_____. Remarques provisoires sur la perception sociale du corps, **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, n. 14, p. 51-54, 1977.

FONTANILLE, J. **Semiótica do discurso.** Tradução de Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2012.

GREIMAS, J. A.; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma.** Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vertice, 1990.

HANKS, W. F. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. et al.** Tradução de Ana Christina Bentes, Marco Antônio Rosa Machado, Marcos Rogério Cintra e Renato C. Rezende. São Paulo: Cortez, 2008.

LIMA, G. O. S. **O rei do cangaço, o governador do sertão, o bandido ousado do sertão, o cangaceiro malvado: processos referenciais na construção da memória discursiva sobre Lampião,** Campinas, 2007, 304f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MORATO, E. M. O estatuto sociocognitivo do contexto na orientação argumentativa das práticas referenciais. **Investigações**, n. 21, p. 81-97, 2008.

SANTOS, Caio César Costa. **O índice de demonstração do habitus de Lampião como estado de incorporação a partir de Bourdieu.**

RECANATI, F. Concepts perceptual: in defence of the model indexical In: **Synthese** n.1, p.1-18, 2013.

SANTOS, C.C.C. **Bons tempos aqueles:** implicações na expansão do campo dêitico. São Cristóvão, 2014, 100f. Dissertação de Mestrado sob a orientação da *Prof.^a Dr.^a Geralda de Oliveira Santos Lima* – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, 2014.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano.** Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VAN DIJK, T. A. Macrocontexts. In: U. LOTTGEN, Dagmar Scheu; SÁNCHEZ (Org.), José Saura. **Discourse and relations international.** Bern: Lang, 2007. p. 3-26.

Recebido em 11/07/2018
Aprovado em 15/11/2018